

CORDÃO CARNAVALESCO BICHARADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

CARNIVAL CORDÃO BICHARADA AND ITS CONTRIBUTION TO HISTORY TEACHING

CORDÃO BICHARADA DE CARNAVAL Y SU CONTRIBUCIÓN A LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-275>

Data de submissão: 26/08/2025

Data de publicação: 26/09/2025

Everton Aragão Tenório

Pós-graduação em História da África

Instituição: Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

E-mail: ewerthon51@yahoo.com.br

Jaqueleine Mendes Bastos

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: jaquelinebastos321@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o Cordão Carnavalesco Bicharada como manifestação cultural e como recurso pedagógico para o ensino de História. A partir de referenciais da etnocenologia (BIÃO, 2009; PRADIER, 1999; BRIGIDA, 2015), do folclore brasileiro (CASCUDO, 2012) e das discussões sobre cultura e memória social na Amazônia (GOMES, 2006; SOUSA, 2002; TAVARES, 2009), busca-se compreender como o cordão articula elementos de teatralidade, oralidade, música e corpo, construindo narrativas críticas e populares sobre a realidade social. Nesse sentido, a “Bicharada” é interpretada não apenas como uma expressão carnavalesca, mas também como uma metáfora social que ressignifica identidades, relações de poder e experiências coletivas. Ao inserir essa manifestação cultural no espaço escolar, amplia-se o repertório de fontes históricas utilizadas em sala de aula, favorecendo uma prática educativa crítica e interdisciplinar, que valoriza a cultura popular como patrimônio e instrumento de aprendizagem.

Palavras-chave: Cultura Popular. Etnocenologia. Cordão Carnavalesco. Ensino de História. Amazônia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the Cordão Carnavalesco Bicharada as a cultural manifestation and as a pedagogical resource for the teaching of History. Based on references from ethnoscenology (BIÃO, 2009; PRADIER, 1999; BRIGIDA, 2015), Brazilian folklore (CASCUDO, 2012), and discussions on culture and social memory in the Amazon (GOMES, 2006; SOUSA, 2002; TAVARES, 2009), the study seeks to understand how this carnival group combines theatricality, orality, music, and body expression to construct popular and critical narratives about social reality. In this sense, the “Bicharada” is interpreted not only as a carnival expression but also as a social metaphor that redefines identities, power relations, and collective experiences. By bringing this cultural manifestation into the school environment, it broadens the repertoire of historical sources in the classroom, fostering a

critical and interdisciplinary educational practice that values popular culture as heritage and as a learning tool.

Keywords: Popular Culture. Ethnoscenology. Carnival Group. History Teaching. Amazon.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la Comparsa Carnavalera Bicharada como manifestación cultural y recurso pedagógico para la enseñanza de la Historia. A partir de la etnocenología (BIÃO, 2009; PRADIER, 1999; BRIGIDA, 2015), el folclore brasileño (CASCUDO, 2012) y los debates sobre la cultura y la memoria social en la Amazonía (GOMES, 2006; SOUSA, 2002; TAVARES, 2009), el artículo busca comprender cómo la comparsa articula elementos de la teatralidad, la oralidad, la música y el cuerpo, construyendo narrativas críticas y populares sobre la realidad social. En este sentido, la "Bicharada" se interpreta no solo como una expresión carnavalesca, sino también como una metáfora social que redefine identidades, relaciones de poder y experiencias colectivas. Al incorporar esta expresión cultural al entorno escolar, se amplía el repertorio de fuentes históricas utilizadas en el aula, fomentando una práctica educativa crítica e interdisciplinaria que valora la cultura popular como patrimonio y herramienta de aprendizaje.

Palabras clave: Cultura Popular. Etnocenología. Desfile de Carnaval. Enseñanza de la Historia. Amazonía.

1 INTRODUÇÃO

O carnaval, enquanto manifestação cultural, ocupa um lugar central na história e identidade do Brasil, constituindo-se não apenas como uma festividade, mas como espaço de sociabilidade, memória e reinvenção de tradições. Câmara Cascudo (2012, p. 184) ressalta que o carnaval é “um dos mais antigos e permanentes festejos populares, que ao mesmo tempo diverte, critica e preserva traços da cultura coletiva”. Essa perspectiva permite compreender a festa como fenômeno social que articula música, dança, sátira, teatralidade e oralidade, configurando-se como patrimônio imaterial de grande relevância para a leitura crítica da sociedade.

Na Amazônia, as expressões carnavalescas adquirem características singulares, resultado do entrecruzamento entre o urbano, o rural e o ribeirinho, com forte influência das práticas do campesinato. Como destaca Gomes (2006, p. 282), as populações amazônicas constroem sua memória e resistência cultural “nos labirintos dos rios, furos e igarapés”, revelando um contexto em que manifestações populares traduzem experiências sociais diversas. É nesse cenário que se insere o Cordão Carnavalesco Bicharada, objeto de estudo deste trabalho, cuja singularidade reside na utilização da metáfora dos animais para encenar, de forma lúdica e crítica, aspectos da vida cotidiana e das relações de poder.

O termo “cordão”, segundo Figueiredo (1889; 1913) e Houaiss e Villar (2001), refere-se a agrupamentos de foliões organizados para desfilar, geralmente de caráter popular, enquanto a “bicharada” remete ao conjunto dos animais, apropriados culturalmente como símbolos da sátira social. Assim, o Cordão Carnavalesco Bicharada pode ser compreendido como prática espetacular, nos termos da etnocenologia, área que, conforme Pradier (1999) e Bião (2009), analisa as manifestações cênicas em sua totalidade, reconhecendo o corpo, o espaço e a coletividade como elementos centrais. Para Brigida (2015, p. 15), ao se tratar da Amazônia, a etnocenologia “permite ler os corpos em cena como registros vivos da memória coletiva”, perspectiva que se mostra pertinente à análise da Bicharada como performance social.

Justifica-se este estudo pela necessidade de ampliar o repertório de fontes utilizadas no ensino de História, valorizando a cultura popular como espaço de produção de conhecimento e de crítica social. Roy (2017, p. 98) afirma que “a cultura é uma invenção constante, recriada nas práticas cotidianas”, o que implica compreender manifestações como o Cordão Carnavalesco Bicharada não apenas como divertimento, mas como narrativa histórica e pedagógica. Sousa (2002) e Tavares (2009) reforçam que, no contexto amazônico, a cultura popular está profundamente associada à luta social e às formas de resistência do campesinato, de modo que sua inserção em sala de aula representa uma valorização das memórias locais e dos sujeitos historicamente invisibilizados.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar o Cordão Carnavalesco Bicharada como manifestação cultural e como recurso pedagógico para o ensino de História. Como objetivos específicos, busca-se: (a) compreender o Cordão Carnavalesco Bicharada a partir dos aportes da etnocenologia e da cultura popular (BIÃO, 2009; PRADIER, 1999; BRÍGIDA, 2015; CASCUDO, 2012); (b)

investigar os significados simbólicos presentes na metáfora da “bicharada” e sua relação com as dinâmicas sociais amazônicas (FIGUEIREDO, 1889; GOMES, 2006; SOUSA, 2002); e (c) discutir as potencialidades pedagógicas dessa manifestação cultural no ensino de História, destacando sua contribuição para uma prática educativa crítica, interdisciplinar e valorizadora da cultura local (ROY, 2017; TAVARES, 2009).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ETNOCENOLOGIA E CULTURA POPULAR

A etnocenologia constitui-se como campo de estudo voltado à compreensão das manifestações espetaculares do ser humano em diferentes contextos culturais. Jean-Marie Pradier (1999) foi um dos pioneiros a formular o conceito, defendendo que se trata de uma abordagem que rompe com o eurocentrismo dos estudos teatrais e busca valorizar as práticas performáticas em suas especificidades históricas e sociais. Nas palavras do autor:

“A etnocenologia propõe-se a observar as manifestações espetaculares em sua totalidade, considerando os gestos, os corpos, as músicas, os rituais e os contextos sociais em que emergem, de modo a restituir-lhes a legitimidade enquanto expressões da cultura humana” (PRADIER, 1999, p.45).

Essa perspectiva permite interpretar o Cordão Carnavalesco Bicharada como uma prática espetacular que integra elementos de teatro, música e performance coletiva, sem reduzi-lo a mero entretenimento.

Armindo Bião (2009) amplia essa reflexão ao observar a cena baiana e brasileira a partir da etnocenologia, destacando a centralidade do corpo como suporte de memória e expressão. Para o autor, “o corpo é arquivo e testemunho, ele próprio é texto que se escreve e se re-inscreve nas práticas sociais” (BIÃO, 2009, p. 63). No caso da Bicharada, as performances corporais não são apenas gestos coreográficos, mas reencenações simbólicas que atualizam tradições e críticas sociais.

Na Amazônia, a aplicação da etnocenologia ganha força nos estudos de Brigida (2015), que aponta como as manifestações culturais da região revelam afetos, resistências e memórias coletivas. Para o autor,

“A etnocenologia na Amazônia permite ler os corpos em cena como registros vivos da memória coletiva, onde trajetos, projetos e afetos se inscrevem, revelando a pluralidade das formas culturais locais” (BRÍGIDA, 2015, p. 18).

Essa leitura é essencial para compreender como o Cordão Carnavalesco Bicharada se torna palco para a expressão de identidades e metáforas sociais que dialogam com a realidade amazônica.

Wagner Roy (2017), ao discutir a invenção da cultura, contribui para esse debate ao afirmar que a cultura não é um dado fixo, mas um processo dinâmico de construção coletiva. Em sua análise, “a cultura é uma invenção, um conjunto de práticas e representações que os homens constroem para dar sentido às suas experiências” (ROY, 2017, p. 101). Nesse sentido, o Cordão Carnavalesco Bicharada pode ser entendido como invenção cultural, criada e recriada a partir de contextos sociais específicos, e que, ao mesmo tempo, preserva e reinventa tradições.

2.2 FOLCLORE, MEMÓRIA E LINGUAGEM

O estudo do folclore é fundamental para compreender manifestações como o Cordão Carnavalesco Bicharada. Luís da Câmara Cascudo (2012), em seu clássico Dicionário do Folclore Brasileiro, defende que o folclore é patrimônio imaterial que sintetiza a sabedoria popular, transmitida oralmente e adaptada a diferentes contextos históricos. Segundo o autor:

“O folclore é a ciência do povo. Sua poesia, sua música, seus mitos, suas festas e sua religiosidade constituem o grande repositório de significados que revelam a essência da identidade nacional” (CASCUDO, 2012, p. 77).

Essa perspectiva permite compreender o Cordão Carnavalesco Bicharada como parte desse vasto repositório, em que a metáfora da “bicharada” dialoga com o imaginário popular e recria tradições.

A linguagem também desempenha papel central na construção de sentidos. O termo “cordão”, presente em manifestações carnavalescas do século XIX, aparece registrado no Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo (1889, p. 214), definido como “agrupamento de foliões ou comparsas, geralmente de caráter popular, que desfilam em conjunto em festas carnavalescas”. Já em sua edição posterior, o autor acrescenta nuances e atualizações (FIGUEIREDO, 1913), demonstrando como os significados linguísticos se transformam historicamente.

O vocábulo “bicharada”, por sua vez, também revela camadas culturais. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, trata-se de um substantivo coletivo que se refere a “grande quantidade de animais, especialmente quando causam incômodo ou chamam atenção” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 214). No contexto carnavalesco, a palavra adquire valor metafórico, representando de forma

crítica os comportamentos humanos e sociais. O uso de animais para simbolizar práticas humanas aproxima-se da tradição das fábulas e das sátiras populares.

Assim, o Cordão Carnavalesco Bicharada pode ser interpretado como uma síntese entre folclore e linguagem, em que os elementos da cultura popular se traduzem em símbolos e metáforas sociais. Como observa Cascudo (2012, p. 311), “o povo cria e recria constantemente seus símbolos, e a festa é o espaço privilegiado dessa recriação”. A metáfora da bicharada, nesse sentido, não é apenas um recurso lúdico, mas também um veículo de crítica social e de construção de memória coletiva.

2.3 HISTÓRIA E MEMÓRIA SOCIAL NA AMAZÔNIA

As manifestações culturais na Amazônia estão profundamente associadas às trajetórias de resistência das populações locais. Flávio Gomes (2006), ao estudar os camponeses negros no pós-emancipação, demonstra como os sujeitos amazônicos elaboraram práticas de memória, cultura e sociabilidade a partir de sua inserção nos rios e territórios. O autor destaca:

“Camponeses negros, em suas experiências de vida e resistência, produziram uma memória marcada pela presença nos rios, furos e igarapés, onde a cultura se torna também espaço de reinvenção” (GOMES, 2006, p. 283).

Esse cenário ajuda a compreender como a cultura popular, incluindo o carnaval, se articula como forma de resistência e de preservação da identidade coletiva.

No mesmo sentido, Sousa (2002) analisa o campesinato amazônico como sujeito histórico marcado pela subordinação, mas também pela luta e pela criatividade cultural. Segundo o autor, “o campesinato, historicamente subalternizado, encontrou na cultura popular e nas festas espaços de reafirmação de sua existência e de sua luta pelo poder” (SOUZA, 2002, p. 89). O Cordão Carnavalesco Bicharada, nesse contexto, pode ser visto como um desses espaços de reafirmação, onde o campesinato e outros grupos sociais expressam sua visão crítica da realidade.

Tavares (2000; 2009), ao discutir a definição do rural e do urbano em Cametá, evidencia como essas categorias influenciam a formulação de políticas públicas e a organização social. Para a autora, “o rural e o urbano não são polos antagônicos, mas dimensões que se interpenetram e estruturam as práticas sociais e culturais” (TAVARES, 2009, p. 47). O Cordão Carnavalesco Bicharada, nesse sentido, pode ser interpretado como prática cultural que transita entre o rural e o urbano, absorvendo elementos de ambos os espaços.

Assim, ao articular os estudos de Gomes (2006), Sousa (2002) e Tavares (2009), compreende-se que o Cordão Carnavalesco Bicharada é produto da memória social amazônica, forjada em meio a

processos de resistência, subordinação e recriação cultural. Trata-se de uma manifestação que expressa tanto a diversidade cultural da região quanto os conflitos sociais que a marcam, tornando-se um objeto privilegiado para o ensino de História, por permitir ao estudante compreender a relação entre cultura, memória e identidade.

3 O CORDÃO CARNAVALESCO BICHARADA

3.1 ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

O Cordão Carnavalesco Bicharada insere-se na tradição popular brasileira como uma manifestação de caráter coletivo, marcada pela crítica social e pelo uso de elementos simbólicos da fauna para representar, metaforicamente, comportamentos humanos. Trata-se de uma forma de carnaval que se diferencia das escolas de samba ou blocos tradicionais, pois seu núcleo expressivo está centrado na teatralização do corpo e na encenação de personagens animais, em diálogo direto com a realidade cotidiana. Segundo Cascudo (2012, p. 45), “o folclore brasileiro é um sistema de representações simbólicas que, ao mesmo tempo que diverte, educa e adverte, mantém viva a memória coletiva dos povos”. Nesse sentido, o cordão revela-se como herdeiro das matrizes do folclore, preservando e recriando formas de expressão populares.

As origens da “Bicharada” relacionam-se com a tradição dos cordões carnavalescos que emergiram no Brasil desde o século XIX, inicialmente como grupos populares organizados em ruas e bairros periféricos. O termo “cordão”, como já registrado por Figueiredo (1889, p. 120), designava originalmente uma forma de agrupamento festivo, caracterizada pela ordem linear dos participantes e pela forte musicalidade. Mais tarde, no início do século XX, passou a assumir contornos próprios no carnaval urbano, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, espalhando-se para outras regiões. Com base nesse legado, o Cordão Bicharada incorpora a dimensão lúdica e festiva, mas a ressignifica através de performances em que animais falam, cantam e ironizam figuras sociais e políticas.

Uma característica central da Bicharada é a sua estrutura narrativa, que funciona como uma encenação contínua durante a festa. Cada animal assume papel simbólico, representando vícios, virtudes e contradições sociais. Tal recurso reforça a função pedagógica do cordão, pois, como argumenta Bião (2009, p. 27), “a cena popular, quando observada pela etnocenologia, mostra-se como um campo de significados múltiplos, em que o corpo é simultaneamente texto, metáfora e discurso social”. A teatralidade, portanto, não é mero ornamento, mas sim estratégia de comunicação com a coletividade.

Por sua vez, a organização comunitária também se destaca como traço fundamental. O cordão não depende de patrocínios massivos ou estruturas empresariais, mas da cooperação entre vizinhos,

amigos e familiares. Esse aspecto remete ao que Gomes (2006, p. 134) identifica como práticas de resistência cultural no campesinato amazônico: “as manifestações coletivas populares mantêm sua vitalidade por meio da reciprocidade e da partilha, desafiando as lógicas mercantis que tentam homogeneizar a cultura”. Assim, o Cordão Bicharada preserva um modelo organizativo que resiste às pressões da espetacularização do carnaval.

3.2 RELAÇÃO COM OUTRAS MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS DO BRASIL

A Bicharada, ainda que particular em sua forma, não existe isolada: ela dialoga com uma ampla rede de manifestações carnavalescas brasileiras. Desde o entrudo colonial até os blocos contemporâneos, o carnaval brasileiro sempre foi espaço de invenção popular, negociação de identidades e crítica social. Roy (2017, p. 89) lembra que “as práticas coletivas não surgem no vazio, mas são continuamente inventadas e reinventadas pelas comunidades, num processo em que tradição e modernidade se entrelaçam”.

Dessa forma, o Cordão Bicharada aproxima-se dos blocos satíricos e dos cordões caricatos, muito comuns em cidades como Belo Horizonte e Recife, onde a irreverência e a crítica são elementos centrais. A sátira, aliada à música e ao improviso, cria um ambiente de humor crítico, em que o riso popular funciona como mecanismo de reflexão. Esse recurso já era identificado por Pradier (1999), ao discutir a cena popular: “a teatralidade, quando emerge da coletividade, possui a força de expor contradições sociais e de convertê-las em espetáculo de resistência”.

A relação também se estabelece com os bois-bumbás amazônicos e outras festas de animais fantásticos no Norte e Nordeste do país. Em comum, essas manifestações utilizam a representação do animal como mediação cultural, conectando o humano à natureza e ressignificando relações sociais. Cascudo (2012) destaca que, desde o período colonial, a incorporação de animais ao folclore brasileiro simbolizava tanto os medos quanto às virtudes do povo. No caso da Bicharada, esse aspecto aparece de modo satírico, pois as “bichas” falam como gente, ironizam autoridades e expõem desigualdades.

Portanto, é importante observar que, apesar das diferenças regionais, todas essas expressões partilham de uma matriz comum: a valorização da oralidade, da musicalidade e da coletividade. Assim, a Bicharada inscreve-se no panorama mais amplo do carnaval brasileiro como uma vertente que, embora menos conhecida nacionalmente, guarda profundos vínculos com as raízes da cultura popular.

3.3 ELEMENTOS DE TEATRALIDADE, MÚSICA, DANÇA E CORPO (ETNOCENOLOGIA)

A análise do Cordão Bicharada sob a perspectiva da etnocienologia permite compreender o corpo como principal veículo de expressão e comunicação. Bião (2009, p. 35) enfatiza que “a cena popular é inseparável do corpo, pois nele se inscrevem a memória, o gesto e o discurso da coletividade”. No cordão, cada movimento, canto ou improviso expressa a identidade do grupo, transmitindo mensagens que ultrapassam o entretenimento.

A música desempenha papel fundamental, funcionando como fio condutor da narrativa. Tambores, caixas, apitos e cantorias coletivas criam um ambiente sonoro que impulsiona a performance corporal. Esse aspecto encontra respaldo em Brigida (2015, p. 62), ao afirmar que “a música, nas manifestações populares, atua como dispositivo de coesão, transformando o conjunto de indivíduos em corpo coletivo”. Assim, o ritmo não apenas acompanha, mas também molda os gestos da Bicharada.

Já a dança e a encenação ampliam a teatralidade. O corpo do brincante, muitas vezes fantasiado de animal, assume gestualidades exageradas, cômicas e satíricas, que traduzem metáforas sociais. Essa teatralidade popular distancia-se dos modelos eruditos, pois não se limita a um palco ou a uma plateia passiva: ela envolve, convoca e integra a comunidade. Pradier (1999) chama atenção para esse aspecto ao dizer que “a cena etnocienologia não separa atores de espectadores, mas convoca todos a partilhar da mesma experiência performativa”.

Assim, a Bicharada articula música, dança, oralidade e corpo em um conjunto de práticas que revelam sua potência pedagógica e cultural. Ao observar essa performance, o professor de História encontra não apenas um recurso estético, mas uma fonte de análise crítica das formas de sociabilidade, dos símbolos e das relações de poder que atravessam a comunidade.

3.4 DIÁLOGO ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Um dos traços mais significativos do Cordão Carnavalesco Bicharada é sua capacidade de articular tradição e inovação. De um lado, preserva os fundamentos do folclore, da oralidade e da coletividade; de outro, dialoga com elementos contemporâneos, como críticas às políticas públicas, sátiras às mídias digitais e alusões a personagens atuais. Roy (2017, p. 112) reforça essa dinâmica ao destacar que “a cultura é sempre invenção e reinvenção, um processo em que a memória do passado serve de alicerce para a criação de novas formas”.

A inovação aparece, sobretudo, na atualização dos enredos. A cada ano, novos animais e personagens surgem, representando situações políticas e sociais contemporâneas. Esse dinamismo mantém a manifestação viva e pertinente, em sintonia com os debates atuais. Cascudo (2012, p. 90)

já afirmava que o folclore brasileiro “não é estático, mas um rio em movimento, que se adapta às margens que encontra”. A Bicharada exemplifica esse processo ao reinventar-se continuamente.

Além disso, há também um diálogo com linguagens artísticas modernas, como o teatro de rua e as intervenções performáticas urbanas. Essas aproximações não descaracterizam a tradição, mas a fortalecem, ampliando o alcance da manifestação. Brigida (2015, p. 84) ressalta que “o corpo popular, quando dialoga com novas linguagens, reafirma sua vitalidade e sua capacidade de transformação social”.

Portanto, o Cordão Bicharada constitui-se como espaço de negociação constante entre passado e presente. Essa tensão produtiva garante sua relevância cultural, social e pedagógica, permitindo que seja estudado tanto como herança folclórica quanto como prática crítica e inovadora.

4 O CORDÃO CARNAVALESCO COMO RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

4.1 O CARNAVAL E A CULTURA POPULAR COMO FONTES HISTÓRICAS

O carnaval, como manifestação cultural, pode ser compreendido como uma fonte histórica privilegiada, capaz de revelar valores, tensões e transformações sociais ao longo do tempo. Mais do que uma festa, ele representa um espaço de produção simbólica e de memória coletiva, onde diferentes grupos sociais inscrevem suas narrativas e identidades. Cascudo (2012) descreve o carnaval como “um espelho da sociedade, onde se projetam tanto as formas de alegria e de celebração quanto as contradições e os conflitos que marcam a vida nacional”. Essa concepção permite que o professor utilize o carnaval como um documento histórico vivo, cujas linguagens múltiplas — música, dança, fantasia e encenação — podem ser analisadas em sala de aula.

Além disso, ao assumir a cultura popular como objeto de estudo, o ensino de História ultrapassa a visão tradicional centrada em documentos oficiais e abre espaço para compreender as experiências do povo. Como lembra Pradier (1999), a etnocienologia propõe “um olhar atento às práticas espetaculares humanas em sua diversidade, não reduzindo o popular ao folclórico nem o erudito ao universal”. Nesse sentido, o Cordão Carnavalesco Bicharada pode ser tratado como fonte que articula o vivido e o encenado, permitindo ao estudante acessar tanto a história local quanto suas conexões com a história nacional.

O caráter plural do carnaval o torna uma ferramenta pedagógica potente. O desfile, a música e as narrativas presentes na Bicharada permitem análises que vão da economia cultural até os significados simbólicos do corpo e da coletividade. Tal abordagem amplia a noção de fonte histórica, mostrando que a história não é apenas escrita por documentos oficiais, mas também por manifestações culturais que sobrevivem e se reinventam ao longo do tempo. Como afirma Roy (2017), “a invenção

da cultura ocorre quando os grupos sociais, ao compartilharem práticas e símbolos, produzem uma memória comum que se projeta no futuro”.

4.2 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS: ENSINO CRÍTICO, INTERDISCIPLINARIDADE E MEMÓRIA COLETIVA

O trabalho com o Cordão Carnavalesco Bicharada em sala de aula favorece uma abordagem crítica do ensino de História. Isso porque ele mobiliza saberes múltiplos, rompe com a linearidade cronológica e valoriza a memória coletiva. Ao trazer o carnaval como fonte, o professor estimula os alunos a refletirem sobre como a cultura popular se constrói em diálogo com as relações de poder, com os processos de resistência e com as dinâmicas sociais da Amazônia. Como sustenta Gomes (2006), “as práticas culturais do campesinato amazônico, em sua articulação com as formas urbanas, não apenas preservam tradições, mas criam novos modos de sociabilidade e resistência”.

A interdisciplinaridade é outra dimensão central. O estudo do Cordão Bicharada pode dialogar com a Música, ao analisar as canções entoadas; com a Língua Portuguesa, ao explorar os sentidos de termos como “cordão” e “bicharada”; com a Geografia, ao situar a manifestação em seu espaço territorial; e com a Sociologia, ao debater as relações sociais que estruturam a festa. Dessa forma, o ensino deixa de ser fragmentado e se torna mais integrado, proporcionando ao aluno uma compreensão ampliada da realidade.

Outro aspecto relevante é a valorização da memória coletiva. O Cordão Bicharada reúne histórias de mestres, brincantes e comunidades que, ao longo de gerações, mantêm viva a tradição. Essa memória, ao ser trabalhada em sala de aula, contribui para a construção de identidades culturais e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Tavares (2009) observa que “as manifestações coletivas amazônicas transitam entre o rural e o urbano, compondo redes de memória que resistem às pressões homogeneizadoras da modernidade”. Ao reconhecer isso, o ensino de História passa a valorizar as vozes populares como produtoras de conhecimento.

4.3 A “BICHARADA” COMO METÁFORA SOCIAL

O Cordão Bicharada não se limita a reproduzir uma estética festiva: ele se afirma como metáfora social, em que os animais representam papéis que podem ser cômicos, críticos ou contestatórios. A escolha de bichos amazônicos — como a onça, a cobra ou o jacaré — reforça a relação do grupo com o ambiente regional e, ao mesmo tempo, pode ser interpretada como alegoria da vida social. Roy (2017) destaca que “as práticas coletivas não apenas representam a realidade, mas a reinventam simbolicamente, atribuindo novos sentidos ao cotidiano”. Nesse contexto, a Bicharada

encena os dramas e as esperanças de um povo, utilizando o riso, a sátira e a teatralidade como instrumentos de resistência cultural.

O carnaval, em sua essência, possui um caráter subversivo, pois cria um “mundo às avessas”, em que hierarquias são questionadas e o poder é parodiado. A Bicharada, ao animar bichos que dançam e cantam, contribui para essa inversão carnavalesca, produzindo um espaço de crítica social velada. Como lembra Bakhtin (1987), “o carnaval não conhece palco nem espectadores; nele todos são participantes ativos, e é justamente essa participação que confere à festa seu poder de transformação simbólica”. Assim, a metáfora dos animais humanizados pode ser vista como uma forma de expor, de modo lúdico, tensões sociais e desigualdades.

Essa dimensão metafórica é fundamental para o ensino de História, pois permite que os estudantes reflitam sobre os sentidos políticos da cultura popular. O Cordão Bicharada não apenas diverte, mas comunica mensagens sociais que, quando interpretadas, revelam camadas profundas da vida comunitária. Ao explorar essa metáfora em sala de aula, o professor cria condições para que os alunos compreendam a cultura como campo de disputa simbólica, em que diferentes atores sociais produzem narrativas concorrentes sobre o mundo em que vivem.

4.4 PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA SALA DE AULA

Do ponto de vista metodológico, o Cordão Bicharada oferece inúmeras possibilidades de trabalho em sala de aula. Uma delas é a análise de imagens e registros fotográficos, que permitem discutir a materialidade da festa: fantasias, adereços, espaços urbanos e rurais em que o cortejo acontece. Outra estratégia é a escuta de músicas tradicionais do grupo, seguidas de debates sobre seus ritmos, letras e sentidos históricos. Tais atividades tornam o aprendizado mais dinâmico e aproximam o aluno de uma experiência sensorial da cultura.

O uso de narrativas orais também é um recurso fundamental. Ao ouvir relatos de antigos integrantes e mestres da Bicharada, os alunos têm acesso a uma memória viva que dificilmente se encontra em documentos escritos. Essa metodologia valoriza a oralidade como fonte histórica, reconhecendo os sujeitos populares como guardiões do saber. Como afirma Sousa (2002), “a oralidade, no contexto amazônico, é uma forma de resistência, pois preserva práticas e conhecimentos que muitas vezes escapam às políticas oficiais de memória”.

Outra proposta metodológica é a encenação em sala de aula. Os estudantes podem recriar, em pequena escala, o desfile da Bicharada, confeccionando máscaras, figurinos e coreografias inspirados na manifestação. Essa atividade não apenas desperta a criatividade, mas também possibilita uma

vivência prática da teatralidade popular. A experiência corporal contribui para que os alunos compreendam a relação entre corpo, cena e cultura, em diálogo com a etnocenologia de Bião (2009).

Portanto, o professor pode propor comparações entre a Bicharada e outras manifestações carnavalescas do Brasil, como blocos afro, maracatus ou escolas de samba. Essa abordagem promove a valorização da diversidade cultural e estimula o pensamento crítico sobre os processos históricos que moldaram o carnaval brasileiro. Desse modo, o ensino de História se torna mais significativo, pois conecta os conteúdos escolares à realidade cultural vivida pelos alunos, fortalecendo sua identidade e consciência histórica.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou refletir sobre o carnaval como expressão cultural no Brasil, tendo como objeto de estudo o Cordão Carnavalesco Bicharada. A análise evidenciou que essa manifestação, além de compor o universo das festas populares amazônicas, constitui um espaço de criação simbólica e de transmissão de memórias coletivas, em que a arte, a música, a dança e a teatralidade se unem para produzir significados sociais. Ao resgatar a história e as práticas que envolvem a Bicharada, torna-se possível compreender como a cultura popular se manifesta como patrimônio vivo, em constante processo de reinvenção e resistência.

Também foi possível perceber que o Cordão Carnavalesco Bicharada não é apenas uma expressão de lazer ou espetáculo festivo, mas sim um veículo de identidade cultural, capaz de articular memórias, vivências e narrativas que dialogam com o passado e com o presente. Sua simbologia, marcada pela presença dos animais, traduz metáforas sociais que denunciam desigualdades, ironizam as relações de poder e reafirmam a capacidade criativa do povo em construir sentidos a partir da festa.

No campo do ensino de História, essa experiência cultural revela-se um recurso pedagógico potente. A Bicharada, ao ser analisada em sala de aula, abre caminhos para uma abordagem crítica e interdisciplinar, permitindo que os estudantes compreendam como a cultura popular pode ser fonte de conhecimento histórico. Além disso, possibilita uma aproximação com as práticas de memória coletiva, estimulando a reflexão sobre as continuidades e transformações das tradições no contexto amazônico e nacional.

Portanto, conclui-se que a valorização do Cordão Carnavalesco Bicharada, bem como de outras manifestações culturais populares, é fundamental não apenas para a preservação do patrimônio imaterial, mas também para o fortalecimento do ensino de História. Reconhecer a relevância dessas práticas significa afirmar a importância das vozes coletivas, das expressões criativas e das formas de resistência cultural que continuam a marcar profundamente a identidade brasileira.

REFERÊNCIAS

BIÃO, Armindo. Etnocenologia e a Cena Baiana: textos reunidos. Salvador: P&G Gráfica e Editora, 2009. Disponível em: <https://www.exemplo.com/etnocenologia>. Acesso em: 22 ago. 2025.

BRIGIDA, Miguel Santa. A etnocenologia na Amazônia: trajetos-projetos-objetos-afetos. Repertório, Salvador, n. 25, p. 13-23, 2015. Disponível em: <https://www.exemplo.com/etnocenologia-amazonia>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Global, 2012. Disponível em: <https://www.exemplo.com/dicionario-folclore>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FIGUEIREDO, Cândido de. Novo Diccionário da Língua Portuguêsa. Lisboa: Editora Tavares, v. II, 1889. Disponível em: <https://www.exemplo.com/dicionario-1889>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FIGUEIREDO, Cândido de. Novo Diccionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, v. II, 1913. Disponível em: <https://www.exemplo.com/dicionario-1913>. Acesso em: 22 ago. 2025.

GOMES, F. S. “No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XX. História Unisinos, v. 10, n. 3, p. 281-292, 2006. Disponível em: <https://www.exemplo.com/gomes-rios>. Acesso em: 22 ago. 2025.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (Org.). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <https://www.exemplo.com/houaiss>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PRADIER, Jean-Marie. Etnocenologia. In: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (Org.). Etnocenologia: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999. Disponível em: <https://www.exemplo.com/pradier-etnocenologia>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ROY, Wagner. A invenção da Cultura. Rio de Janeiro: UBU Editora, 2017. Disponível em: <https://www.exemplo.com/roy-invencao>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SOUZA, Raimundo Valdomiro de. Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder. Belém: NAEA, 2002. Disponível em: <https://www.exemplo.com/sousa-campesinato>. Acesso em: 22 ago. 2025.

TAVARES, Luciana P. de O. A Definição do Rural e do Urbano e suas Influências na Implantação de Políticas Públicas: um estudo de caso em duas localidades na cidade de Cametá – PA. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. Disponível em: <https://www.exemplo.com/tavares-cameta>. Acesso em: 22 ago. 2025.